



**CEBRI**

# Dossiê

Edição Especial | Volume 2 | Ano 13 | 2014

**A Inserção do Brasil nas Cadeias Globais de Valor**

Various Authors



CENTRO BRASILEIRO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

# Dossiê

Edição Especial | Volume 2 | Ano 13 | 2014

## A Inserção do Brasil nas Cadeias Globais de Valor

Vários Autores

## Quem somos

Criado em 1998, o Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI) é um think tank que tem por objetivo desenvolver conhecimento e promover o debate sobre temas das relações internacionais, oferecendo subsídios para a definição de políticas públicas. Busca também fomentar o diálogo entre diferentes atores, públicos e privados, visando melhor entendimento da agenda internacional, bem como a inserção do Brasil no cenário global. Localizado no Rio de Janeiro, o CEBRI foi concebido por um grupo de diplomatas, empresários, acadêmicos e possui uma estrutura independente, multidisciplinar e apartidária.

De acordo com a pesquisa Global Go to Think Tanks, conduzida pela Universidade da Pensilvânia, o CEBRI tem sido relacionado entre os mais relevantes think tanks do mundo, estando presente em mais rankings do que qualquer outro instituto brasileiro, destacando-se por sua capacidade de congregiar prestigiados especialistas em relações internacionais.

O CEBRI é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público - OSCIP. Seu Estatuto Social prevê transparência em todas as suas atividades.

## Conselho Curador

### ***Presidente de Honra***

Fernando Henrique Cardoso

### ***Presidente***

Luiz Augusto de Castro Neves

### ***Vice-Presidente***

Tomas Zinner

### ***Vice-Presidentes Eméritos***

Daniel Miguel Klabin

José Botafogo Gonçalves

Luiz Felipe Lampreia

### ***Conselheiros***

Armando Mariante

Armínio Fraga

Carlos Mariani Bittencourt

Celso Lafer

Cláudio Frischtak

Gelson Fonseca Junior

Georges Landau

Henrique Rzezinski

José Aldo Rebelo Figueiredo

José Luiz Alqueres

José Pio Borges de Castro Filho

Marcelo de Paiva Abreu

Marco Aurélio Garcia

Marcos Castrioto de Azambuja

Marcus Vinícius Pratini de Moraes

Maria Regina Soares de Lima

Pedro Malan

Roberto Abdenur

Roberto Teixeira da Costa

Ronaldo Veirano

Sebastião do Rego Barros

Vitor Hallack

Winston Fritsch

## Créditos

### DIRETOR EXECUTIVO

Roberto Fendt

### PRODUÇÃO EDITORIAL

Eduarda Cirne Severo

Jonathan Fernandes

Leonardo Paz Neves

Vitor Hugo dos Santos Anastácio

### PROJETO GRÁFICO

Blümchen design

### IMAGEM DE CAPA

Philip Jackson/sxc.hu

### IMPRESSÃO

WalPrint Gráfica e Editora

6

Leonardo Paz Neves (org.)

“A Inserção do Brasil nas Cadeias Globais de Valor”, CEBRI Dossiê  
Edição Especial ,  
v. 2, ano 13. Rio de Janeiro: CEBRI, 2014.

1. Cadeias Globais de Valor 2. Comércio Internacional; 3. Acordos Comerciais;  
4. Governança

# ÍNDICE

<b>Roberto Fendt</b> Cadeias globais de valor: uma sucinta introdução	<b>10</b>
<b>Aldo Rebelo</b> A Inserção do Brasil nas Cadeias Globais de Valor	<b>16</b>
<b>Aluisio G. de Lima-Campos</b> In GVCs, It Takes Two To Tango	<b>22</b>
<b>Lia Baker Valls Pereira</b> As cadeias globais de valor e os acordos comerciais: uma solução para a expansão das manufaturas?	<b>26</b>
<b>Luiz Augusto de Castro Neves</b> O mundo globalizado	<b>31</b>
<b>Mauricio Canêdo Pinheiro</b> Abertura, Inserção nas Cadeias Globais de Valor e a Política Industrial Brasileira	<b>34</b>
<b>Otaviano Canuto</b> A Alta Densidade das Cadeias de Produção no Brasil	<b>40</b>
<b>Renato Baumann</b> O Brasil e as cadeias globais de valor	<b>47</b>
<b>Roberto Abdenur</b> China, café, SGP. E a danada da ALCA...	<b>52</b>
<b>Roberto Teixeira da Costa</b> Desafios da Política Externa Brasileira para os Próximos 10 Anos	<b>57</b>
<b>Rodrigo Cintra</b> A importância da governança na inserção brasileira nas Cadeias Globais de Valor	<b>61</b>
<b>Vera Thorstensen, Lucas Ferraz, Leopoldo Gutierrez</b> O Brasil nas cadeias globais de valor	<b>66</b>

Vera Thorstensen<sup>1</sup>

Lucas Ferraz<sup>2</sup>

Leopoldo Gutierre<sup>3</sup>

# O Brasil nas cadeias globais de valor

## I. Caracterização do fenômeno das cadeias globais de valor

A multiplicação e intensificação do fenômeno das cadeias globais de valor têm levado os especialistas de comércio a considerarem tal fenômeno como o novo vetor de integração dos países em desenvolvimento no comércio internacional. OCDE, FMI, Banco Mundial e OMC têm investido grandes esforços na análise dessas cadeias globais.

Uma síntese dos principais pontos levantados na literatura é dada a seguir, para evidenciar que o fato de o Brasil estar pouco integrado nas cadeias globais de valor merece atenção no momento em que se pretende criar uma nova agenda de comércio exterior para o Brasil.

Inúmeras definições estão sendo propostas para cadeias globais de valor. A mais simples identifica uma cadeia como o conjunto de atividades necessárias a produção e entrega do produto ao consumidor final, incluindo serviços anteriores à produção como P&D, software, design, branding, financiamento, sistemas de integração de atividades, assim como serviços de pós-produção, tais como logística e serviços pós-venda. Existem cadeias orientadas pelo produtor, para produtos de alta tecnologia baseados em capital, e cadeias orientadas para o consumidor, para produtos de massa, baseados em salários reduzidos.

1 Vera Thorstensen (Escola de Economia de São Paulo da FGV – FGV/EESP)

2 Lucas Ferraz (Escola de Economia de São Paulo da FGV – FGV/EESP)

3 Leopoldo Gutierre (Escola de Economia de São Paulo da FGV – FGV/EESP)

A qualificação do processo como cadeia de valor advém do fato de a produção se dar em estágios que agregam valores adicionados. Em cada estágio, o produtor adquire seus insumos e emprega fatores de produção. As remunerações desses fatores irão compor o valor adicionado ao produto. O processo se repete no próximo estágio, de modo que o valor adicionado anterior se transforma em custo para o próximo produtor. O conjunto de etapas pode ser realizado por uma ou várias firmas, dentro e fora do país, criando cadeia de produção.

O interesse recente pelo novo paradigma produtivo tem ocorrido porque os fluxos de comércio decorrentes da terceirização de estágios produtivos estão se intensificando, e tais fluxos se dão entre países desenvolvidos e em desenvolvimento, criando oportunidades de crescimento. Há evidências de que essa nova relação tem sido benéfica aos países em desenvolvimento, dado que se observa um aumento na participação na renda das exportações mundiais auferidas por tais países. As causas que permitiram o surgimento desses fluxos podem ser apontadas para a drástica redução dos custos do transporte e comunicação, o importante aumento dos investimentos externos, e a liberalização do comércio internacional <sup>4</sup>.

Nesse novo cenário do comércio mundial, novas problemáticas são levantadas pelos países que desejam aumentar sua participação no comércio internacional como as exportações mais competitivas dependem do fornecimento eficiente de, insumos, assim como do acesso a produtores e consumidores; e a especialização dos países tem maior concentração em tarefas e funções comerciais do que em produtos específicos <sup>5</sup>.

Dessa forma geral, há impactos diretos na formulação de políticas comerciais, industriais e macroeconômicas. A ampliação de cadeias globais no comércio mundial cria desafios para as estatísticas usuais de comércio, uma vez que as cadeias acentuam problemas inerentes às formas usuais de mensurar fluxos comerciais e requerem a estimação de outras medidas para que a forma produtiva seja plenamente compreendida. Criam-se novos conceitos como o de comércio em tarefas (*trade in tasks*) contra o antigo comércio de bens (*trade in goods*).

O interesse pelo fenômeno cresce na medida em que os padrões do comércio se alteram, uma vez que os fluxos decorrentes das cadeias vêm ocupando uma parcela significativa do comércio mundial; e tais fluxos de comércio têm ocorrido entre nações

4 Backer & Miroudot 2013; Baldwin & Lopez-Gonzalez 2013t..

5 Backer & Miroudot 2013.



de alta tecnologia do Norte e também de baixos salários do Sul. Os novos fluxos de comércio ocorreram, principalmente, para aqueles países no entorno das grandes economias industriais do mundo como EUA, Alemanha e Japão, o que destaca o fato das cadeias terem um caráter marcadamente regional. Por fim, cabe destacar que essas novas relações comerciais não se restringiram apenas a um maior fluxo de bens entre as fronteiras dos países, mas também a um aumento da mobilidade internacional de conhecimento gerencial e produtivo. As firmas estrangeiras levam aos países de montagem não só as partes para serem montadas, mas também o conhecimento de como montá-las, de como gerir a firma montadora e de como entregar o produto gerado.

Algumas características singulares das cadeias explicam a economia mundial recente. A primeira é o aumento da fragmentação da produção e consequente aumento da interdependência dos países, uma vez que a competitividade das exportações reside na oferta de insumos de maneira eficiente, assim como no acesso a produtores finais e consumidores estrangeiros. Já a segunda é o fato de que a especialização dos países tem se dado muito mais em tarefas e funções comerciais do que em produtos específicos. A competição relevante de um país não se dá entre o produto doméstico contra o produto estrangeiro, mas sim, entre quais papéis desempenhar dentro da cadeia de valor. A terceira é a nova estrutura de governança mundial. A análise das cadeias permite a compreensão de que firmas e que países controlam e coordenam atividades produtivas ao longo de uma cadeia.

Outro desafio a enfrentar é que o fenômeno da importância das cadeias no comércio internacional acentua os problemas nas estatísticas usuais de comércio via o problema de múltipla contagem e seu potencial superdimensionamento da importância das exportações/importações no PIB; a distorção da importância das importações e exportações no crescimento econômico e na renda; e a dificuldade de se compreender o real peso das relações comerciais entre países e a real importância do setor de serviços para o comércio.

Além disso, como o comércio, devido às cadeias, se dá por meio de bens intermediários, ou seja, bens que serão insumos no processo produtivo de outras nações, então, para que se explicitar a importância das cadeias é imperativo identificar os fluxos desses bens intermediários. No entanto, tais informações não estão disponíveis diretamente nas bases de dados de comércio. Para que se consigam tais informações é necessário recorrer a classificações alfandegárias detalhadas



ou utilizar matrizes de insumo-produto que rastreiam os fluxos de usos ou, ainda, utilizar dados disponíveis para algumas nações de regimes alfandegários especiais provenientes de “comércio de processamento”<sup>6</sup>.

O fenômeno das cadeias tem importantes impactos em formulação de políticas nacionais.

Dentre os pontos mais relevantes podem ser destacados:

- a identificação dos verdadeiros parceiros responsáveis pelo saldo comercial,
- a redução de disputas comerciais ao se explicitar que barreiras comerciais podem impactar os produtos domésticos,
- o aumento da importância da propagação de choques macroeconômicos entre os países porque eles são ampliados na presença das cadeias,
- o redimensionamento da importância dada à importação de empregos pouco qualificados, uma vez que importações podem gerar aumento líquido de vagas de empregos, assim como a especialização em trabalho de mais alta qualificação,
- o redimensionamento da importância de certos países na produção industrial mundial, uma vez que as vantagens comparativas de países estão associadas muito mais a tarefas desempenhadas ao longo da cadeia do que a produtos exportados<sup>7</sup>.

## II. Comércio em valor adicionado e cadeias globais de valor

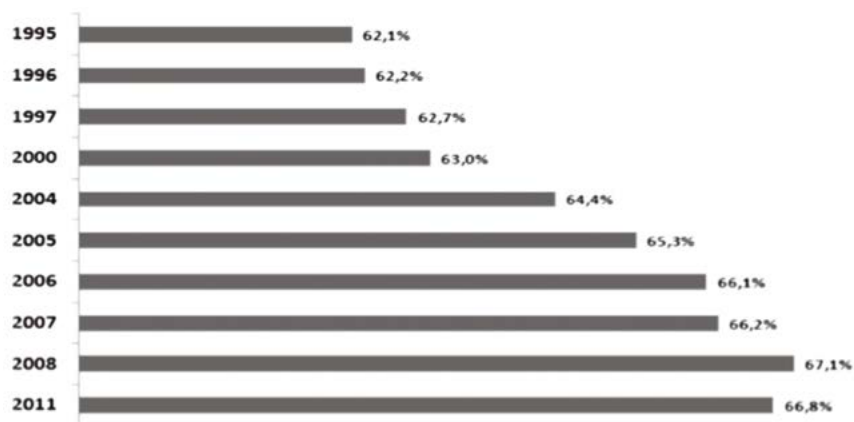
Ao longo das décadas de 70 e 80, as cadeias já eram evidentes na ascensão e rápida industrialização de diversos países asiáticos, incluindo China e o sudeste da Ásia. Do ponto de vista do comércio internacional, o que é relevante ressaltar para esses países é o modo de inserção no comércio baseado na fragmentação e na especialização de estágios de produção. Integrando suas cadeias tanto na América do Norte quanto na Europa e também construindo sua própria cadeia regional de valor,

6 Baldwin & Lopez-Gonzalez 2013

7 Baldwin & Lopez-Gonzalez 2013

esses países asiáticos ganharam cada vez maior relevância no comércio mundial. Mais recentemente, países do leste europeu, como Polônia, República Tcheca e Hungria, também se constituíram como exemplos de regiões em que se optou por uma participação mais expressiva em termos de especialização produtiva. As evidências mostram que o comércio intra-indústria, antes concentrando entre países mais desenvolvidos, hoje é uma constante preponderante nas relações comerciais ao redor do globo, constituindo mais de dois terços de todo o comércio mundial (Gráfico I).

*Gráfico I - Participação das exportações de intermediários nas exportações globais*



Fonte: WIOD

Dois pontos são importantes considerar, quando se reflete sobre a lógica das cadeias globais de valor: a proximidade geográfica e as demandas subjacentes à integração. Com relação ao primeiro ponto, é inegável que a proximidade geográfica importa para a formação das cadeias globais de valor<sup>8</sup>. No entanto, cada vez mais a redução um caráter global às cadeias<sup>9</sup>. Para o segundo ponto, deve-se considerar que a participação nas cadeias requer coordenação, prestação na produção e facilidades de transação. Tais demandas evidenciam não apenas a importância da redução das barreiras ao comércio tarifárias quanto não tarifárias, incluindo regras de origem, barreiras técnicas, sanitárias e fitossanitárias, mas também a necessidade de boas

8 Johnson e Noguera, 2012

9 Baldwin, 2013 .

condições de infraestrutura aí incluindo logística e força de trabalho qualificada, com também de um bom ambiente de negócios<sup>10</sup>.

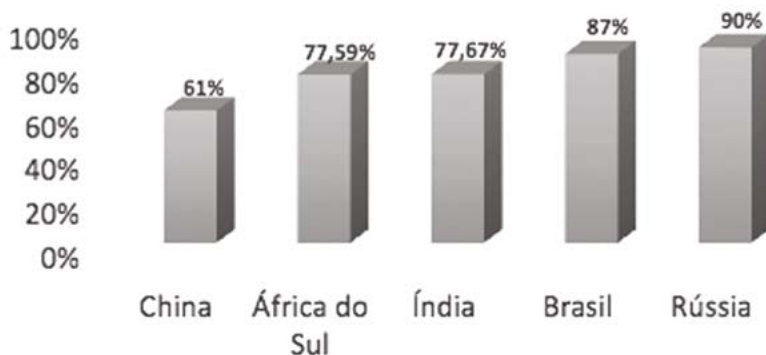
Na lógica das cadeias globais, um país que importa pouco e exporta apenas bens produzidos domesticamente, sem insumos, parte e peças de outros países, está fora da integração das cadeias e deslocado dos ganhos advindos das cadeias globalizadas, onde custos de fronteira como tarifas, antidumping e regras de origem são combatidos.

A comercialização de bens intermediários representa parcela significativa do comércio mundial. Uma implicação dessa fragmentação produtiva é a de que deve haver cada vez mais conteúdo estrangeiro nas exportações domésticas <sup>11</sup>, o que significa menos valor adicionado doméstico para cada unidade monetária exportada.

Alguns dados evidenciam a importância das cadeias de valor.

No Gráfico II a seguir, pode-se notar que, no caso da China, por exemplo, para cada dólar exportado, apenas 61 centavos correspondem a pagamentos de fatores domésticos como terra, trabalho e capital, o restante corresponde a pagamentos de fatores utilizados em outros países. No caso brasileiro, apenas 13 centavos remuneram fatores estrangeiros. Os ganhos da China advêm do volume produzido.

*Gráfico II - Valor adicionado por exportações brutas*



10 Timer et al, 2013

11 Johnson e Noguera, 2012

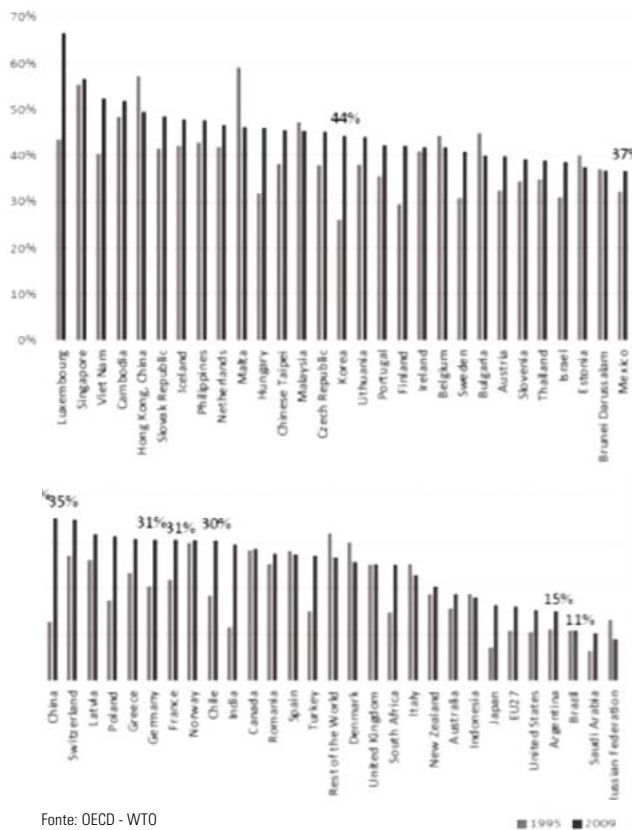
### III. O Brasil nas cadeias globais de valor

Explicitada a lógica por detrás do comércio em valor adicionado, uma pergunta que se levanta é: qual é o nível de integração do Brasil às cadeias de valor?

O Gráfico III abaixo, embora não conclusivo, mostra evidências de que o Brasil não é um país que está posicionado no contexto dessas cadeias, visto que utiliza pouco conteúdo estrangeiro em suas exportações, em comparação aos demais países do globo.

Gráfico III - Valor adicionado por exportações brutas

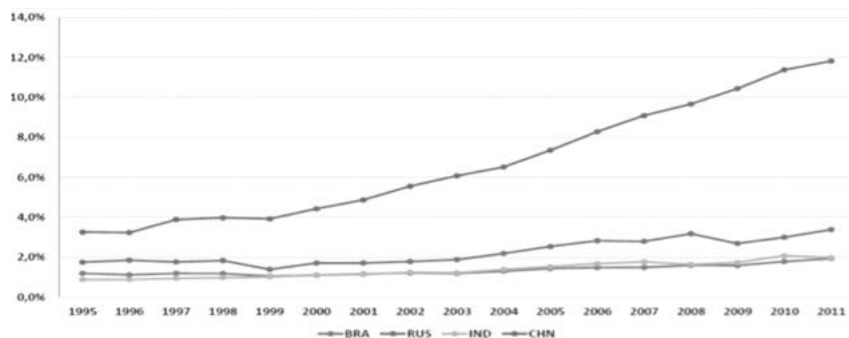
Foreign Content in Manufacturing exports - 1995 e 2009 - OECD/WTO



Fonte: OECD - WTO

Com relação aos BRICS, apesar do baixo valor adicionado por dólar exportado, o que se verifica é que a China é aquele país que mais tem se beneficiado do modelo das cadeias globais (Gráfico IV)

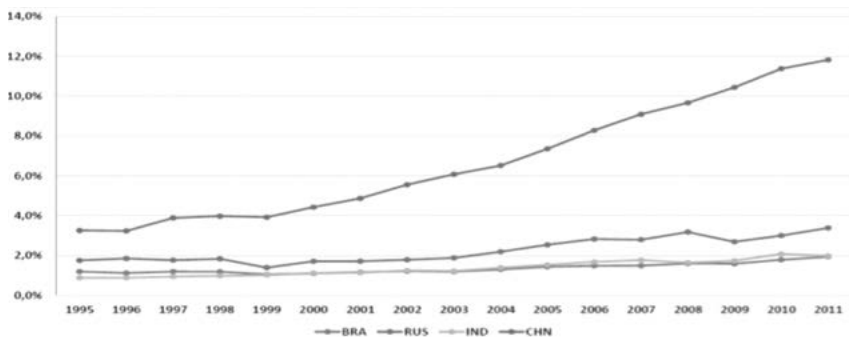
Gráfico IV - Participação nas exportações mundiais em valor adicionado



Fonte: WIOD

A lógica das cadeias globais exige uma ótica diversa para o comércio exterior e para a ótica de valor adicionado. Isso se dá porque as estatísticas tradicionais de comércio em valores brutos podem não mensurar de modo correto algumas características do comércio internacional contemporâneo. Essa diferença pode ser vista quando se analisa o comércio bilateral de diversos países com a China (Gráfico V). Por exemplo, os valores de exportação da China para os Estados Unidos diminuem significativamente quando o conceito de cadeia é introduzido.

Gráfico V - Comércio em valor bruto e em valor adicionado com a China



Fonte: Dados estimados pelo CCGI com dados do GTAP.

## O caso do Brasil

Explicitada a lógica por trás do comércio em valor adicionado, uma pergunta que se deve responder é: quanto integrada é a indústria do Brasil às cadeias de valor?

Alguns números podem demonstrar que a integração do Brasil é pequena.

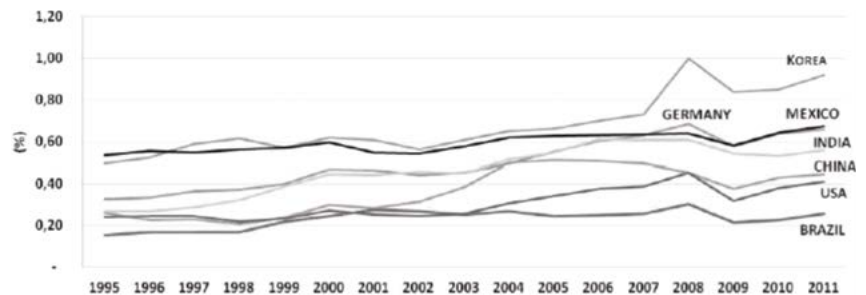
### *Exportações e importações de intermediários*

Em relação ao comércio de bens intermediários, o índice de importações de intermediários em relação ao PIB e o índice de exportações de intermediários em relação ao PIB permitem comparar o grau de integração do país nas cadeias globais de valor. O Brasil, com relação a alguns outros países, é o que aparece como o de menor percentual (Gráficos VI e VII).

Como consequência, no caso do Brasil, apesar de uma ligeira diminuição ao longo do período, a participação dos insumos domésticos no consumo total de insumos pelo setor industrial brasileiro ainda está muito acima das taxas observadas para muitos países emergentes e desenvolvidos (Gráfico VIII).

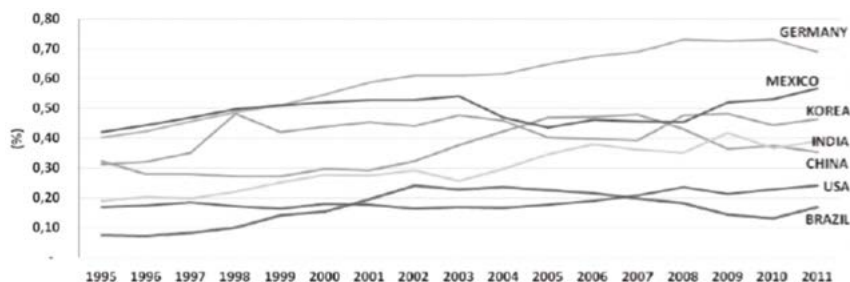
74

Gráfico VI - Importações intermediários/PIB da manufatura



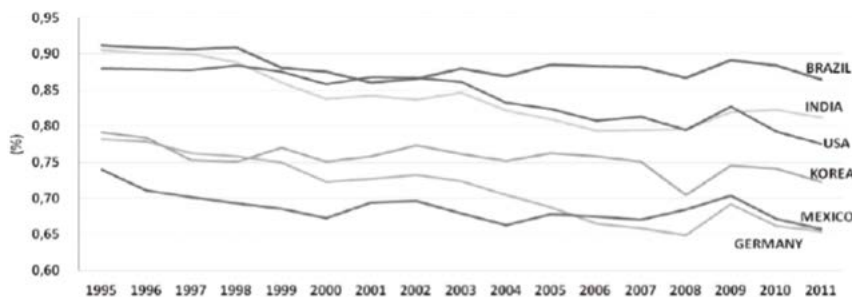
Fonte: WIOD

Gráfico VII - Exportações intermediários/PIB da manufatura



Fonte: WIOD

Gráfico VIII - Participação dos insumos domésticos no consumo total de insumos pelo setor manufatureiro



Fonte: WIOD

## Comparação Brasil e Argentina

Dados da base do GTAP apresentam o Brasil como um país ainda fechado, isolado do comércio internacional. Apesar do crescente aumento das importações no último ano, o País é o último colocado quando consideramos as importações sobre o PIB para um universo de 133 países. Ademais, em termos de comércio com bens intermediários, o país não avança muito, permanecendo entre as últimas colocações (Tabela I).



Dados da OMC também mostram que o Brasil é apenas o 22º maior exportador de bens e o 29º maior exportador de serviços. Considerando as importações, o Brasil ocupa a 22ª posição para o comércio de bens e a 17ª para o comércio de serviços <sup>12</sup>.

*Tabela I - Comparação entre Brasil e Argentina na base do GTAP*

<b>País</b>	<b>Importações totais/PIB</b>	<b>Ranking</b>
Brasil	11%	133/133
Argentina	20%	127/133

<b>País</b>	<b>Importações intermediários/PIB da manufatura</b>	<b>Ranking</b>
Brasil	27%	122/133
Argentina	48%	84/133

<b>País</b>	<b>Exportações intermediários/PIB da manufatura</b>	<b>Ranking</b>
Brasil	27%	119/133
Argentina	63%	59/133

12 Fonte: WTO Trade Profiles, 2012. Considerando o comércio intra-EU.

Fonte: CCGI-GTAP.

Para uma análise comparativa, na Tabela II, a Argentina também foi incluída a fim de se contrastar o Brasil com o seu principal parceiro comercial no cone sul. Pelos números, observa-se que a Argentina tem melhor desempenho que o Brasil nas categorias apresentadas. Ressalta-se o seu baixo posicionamento em relação a importações por PIB.

Para além de uma análise sobre a Argentina, é relevante averiguar a importância desse país e do Mercosul para o Brasil. Uma vez que o Brasil é um país fechado e, aparentemente, pouco inserido nas cadeias globais de valor, mas que tem no Mercosul seu principal projeto de integração, uma nova pergunta que emerge é: há sinais de formação de uma cadeia de valor no Mercosul?

*Tabela II - Absorção, reflexão e redirecionamento do comércio no Mercosul*

<b>Value Chain in Mercosur</b>		<b>Value Chain in Mercosur</b>	
Brazil exports to:		Argentina exports to:	
Argentina		Brazil	
Argentina	77,2%	Brazil	83%
Brazil	5,5%	Argentina	2,0%
Uruguay	0,4%	Paraguay	0,2%
Paraguay	0,3%	Uruguay	0,2%

Fonte: Dados estimados pelo CCGI com base no GTAP

A Tabela acima mostra a decomposição do comércio em: absorção, reflexão e redirecionamento. No caso da tabela à esquerda, revela-se que: daquilo que o Brasil exporta para a Argentina, 77,2% das exportações ficam na própria Argentina; 5,5% retornam para o Brasil; 0,4% é redirecionado para o Uruguai e 0,3% para o Paraguai. De modo semelhante, a Tabela à direita, mostra o caso para as exportações argentinas. O que se deve enfatizar é a alta porcentagem de absorção. Pouco das exportações são refletidas e/ou redirecionadas para os outros países do bloco. Nesse sentido, as evidências de fragmentação e especialização produtivas são ainda muito fracas.

Abaixo, apresentam-se algumas comparações com a Alemanha integrada na Europa e os EUA integrados no Nafta, que são relevantes:

Tabela III - Absorção, reflexão e redirecionamento do comércio da Alemanha e EUA

Value Chain in Europe		Value Chain in Europe	
Germany exports to:		USA exports to:	
Czech Republic		Mexico	
Czech Republic	51,8%	Mexico	75,1%
Germany	11,5%	USA	18,2%
UK	3,4%	Canada	1,0%
France	3,3%	Germany	0,6%

Fonte: Dados estimados pelo CCGI com base no GTAP

Nos dois exemplos das cadeias da Europa e do NAFTA, observa-se que os percentuais de reflexão são bem maiores em relação aos do Mercosul. Além disso, os redirecionamentos para países do mesmo bloco também são maiores.

Um último ponto a acrescentar ao ferramental de valor adicionado são as evidências setoriais. Da década de 90 até os anos recentes, o que se nota é que a parcela de produtos intermediários importados sobre o total de intermediários utilizados aumentou em todos os setores no Brasil. Todavia, esse aumento é mais expressivo em setores mais intensivos em tecnologia. Como fonte desses bens intermediários, a China tem se destacado. Apesar desse aumento, o uso de insumos locais ainda representa, em média, mais de 85% do total de insumos utilizados.

Com relação à produção brasileira de bens intermediários, a comparação entre dados da década de 90 e dados mais recentes sugere que o Brasil parece ter vantagens comparativas direcionadas para a produção de insumos menos intensivos em tecnologia, como agricultura, indústria extrativa e alimentos processados <sup>13</sup>.

Vale lembrar que a existência de mudanças estruturais na produção de bens intermediários pode ser um sinalizador da especialização em estágios de produção de acordo com a lógica das cadeias de valor. Assim, resta saber em quais estágios das cadeias globais o Brasil irá se inserir setorialmente e em quais estágios o país pode ser competitivo, o que são questões bastante distintas. Nesse sentido, deve-se ter claro que a capacidade de inserção nas cadeias de valor é dependente das condições de infraestrutura, no seu sentido amplo.

13 CCGI. Trade Policy in Brazil in the era of PTAs and Global Value Chains (a ser publicado pela FGV).

Identificar quais são os principais “gargalos” da economia é condição sine qua non para que se tenham recomendações de política que visem uma maior participação no comércio de bens intermediários.

## IV. Conclusões

As evidências são fortes em apontar o isolamento do Brasil diante do fenômeno da integração por cadeias globais de valor.

Tal inserção certamente necessitará de toda uma nova política de comércio exterior atrelada a uma nova política industrial que objetive maior competitividade para a indústria brasileira.

### *Duas são as principais opções abertas para o Brasil:*

- realizar uma política de inserção unilateral com a adoção de um regime de abertura comercial, via redução de tarifas, financiamento e incentivos fiscais em busca de inovação tecnológica, ou

- realizar uma política de negociação de acordos preferenciais com países que complementem tal inserção, via redução de tarifas, regras de origem compatíveis e principalmente, com importação de componentes de maior conteúdo tecnológico e transferência de tecnologia.

Outro importante ponto que merece debate é se a prioridade do Brasil deve ser a de buscar integração regional, na América do Sul, ou integração global com países mais desenvolvidos como Europa e Estados Unidos. O fenômeno das cadeias tem forte cunho regional devido ao fator custos de transporte. No entanto, a necessidade de buscar conteúdo de maior valor tecnológico cria uma limitação relevante para a expansão regional.

Tais questões devem ser levadas em consideração na discussão da inserção do Brasil nas cadeias globais de valor.

## Referências

ARAUJO JR., J. T. Fragmentação da produção e competitividade internacional: o caso brasileiro. Breves Cindes, Rio de Janeiro, n. 73, abr. 2013.

BALDWIN, R. (2012). WTO 2.0: Global governance of supply-chain trade. CEPR Policy Insight, n. 64, dec. 2012. Disponível em: <[www.cepr.org](http://www.cepr.org)>.

BAUMANN, R. Regional trade and growth in Asia and Latin America: the importance of productive complementarity. Documento do Escritório da Cepal, Brasília, 2010. LC/BRS/R238.

CEBRI. Desenvolvimento da indústria doméstica em contexto de crise internacional: avaliando estratégias. Cebri, Rio de Janeiro, dez. 2012. Disponível em: <[www.cebri.org.br](http://www.cebri.org.br)>

## Instruções para os autores

Para ser submetido, o artigo deve conter de 15 a 30 páginas e ser redigido em fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento 1.5, bem como dispor de resumo/abstract, introdução e referências bibliográficas.

Os colaboradores devem encaminhar seu trabalho para a sede do CEBRI, localizada na Rua Candelária, 9, Grupo 201, Centro - CEP 20091-020 - Rio de Janeiro (RJ), e pelo email [cebri@cebri.org.br](mailto:cebri@cebri.org.br)

A equipe CEBRI é responsável por selecionar as colaborações a serem publicadas. O conteúdo dos artigos reflete exclusivamente a opinião dos autores. O uso desse material para fins didáticos é permitido desde que citada a fonte.



CENTRO BRASILEIRO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Rua Candelária, 9 | Grupo 201 | Centro  
CEP 20091-020 | Rio de Janeiro | RJ  
Tel.: +55 21 2206-4444 | Ramal 401  
[www.cebri.org](http://www.cebri.org) | [cebri@cebri.org.br](mailto:cebri@cebri.org.br)